

O barquinho que jamais voltou

Leonardo Schraiber Colato

Era quase noite e estavam pescando eles dois, o velho e o estagiário do barquinho dele, um menino de não mais de dezesseis anos. Ao Sul, via-se a costa de um continente onde as faces rochosas de altas montanhas encontravam o mar; ao Norte, o mar aberto e, num ponto solitário dele não tão longe do barquinho, uma gigantesca plataforma construída sobre uma formação rochosa que despontava imponente das águas em direção ao céu. Havia outros muitos barquinhos ao redor do barquinho do velho e do menino, e como estava anoitecendo todos se dirigiam à Estação Central na plataforma, onde as embarcações seriam recolhidas e os pescadores como sempre passariam a noite jogando baralho, contando causos e tirando bons cochilos.

O barquinho do velho e do menino estagiário, no entanto, não seguia naquele dia os outros barquinhos: era conduzido pelo velho na direção contrária, para as montanhas.

– Pra onde a gente tá indo, senhor?

– A gente vai pra lá. – Sem largar o remo, o velho levantou o braço em quarenta e cinco graus, mais apontando para o interior do barquinho do que para as montanhas.

– Pra costa? – O menino não obteve resposta, mas entendeu que sim, para a costa.
– Por quê, senhor?

– Porque é chegado o dia de ir pra lá.

– Como assim, senhor? – Percebendo que o velho não falaria mais nada, o menino cruzou os braços e esfregou as mãos neles como faz quem está com frio. – Tá ficando noite e já tá todo mundo voltando.

O menino percebeu que a vara e os outros equipamentos de pesca do companheiro não estavam mais no interior do barco e questionou onde estariam, e o velho respondeu indicando com a cabeça a água. Ele deu uma olhada de canto para o mar e, percebendo o esforço que o velho fazia ao remar sozinho, pensou em ajudá-lo, mas concluiu que não o faria se continuassem seguindo na direção errada sem que ele soubesse o motivo pelo qual faziam aquilo.

Quando o que restava de luz eram somente algumas pinceladas de laranja no mar, os dois avistaram a boca de uma gruta na maior das montanhas daquela parte da costa. A entrada era tão apertada que eles tiveram de recolher os remos e abaixar a cabeça e abraçá-la entre as pernas. A travessia pelo túnel comprido durou pelo menos meia hora, e os dois mantiveram-se calados e abaixados durante todo o tempo, movimentando o barquinho para a frente com remos menores que o velho trouxera consigo.

Finalmente chegaram ao salão principal da gruta e se espicharam aliviados. O salão era alto, largo e devia ocupar o interior da montanha inteira, e ela devia ser oca. Eles encostaram o barquinho numa prainha minúscula e o velho desembarcou, afundando os pés descalços na areia até então intocada pelos humanos. Das paredes ao longo de toda a gruta vinha uma luminescência dourada e avermelhada e alaranjada, e do mar uma luminescência azulada e esverdeada que se encontrava com a luminescência das paredes em alguns momentos e criava outros tons.

Uma luz branca brilhou forte na parte mais alta da gruta, e os dois viraram os queixos para cima. O mais velho levantou o braço salpicado pelos banhos de Sol de todos aqueles anos de pescaria em direção à luz flutuante, tornando o rosto uma última vez para o seu estagiário no barquinho, que o fitou fundo nos olhos. O velho então sorriu, um sorriso que o menino naquele momento deslumbrado com a cena, ainda com medo, mas deslumbrado, nunca tinha antes visto nele.

Na última inspiração do velho, a luz tomou conta da forma física dele e explodiu num brilho mais forte do que nunca, fazendo o menino cambalear para trás e não enxergar mais nada. O ar úmido e gélido da gruta ficou muito quente, e o jovem sentiu flocos de neve caírem sobre a sua cabeça, que na verdade não eram flocos de neve, mas cinzas, ele logo discerniu pelo cheiro. Rapidamente, elas aumentaram em volume e tomaram conta do barquinho e do corpo dele, fazendo-o desaparecer debaixo delas.

Parou de chover cinzas e o brilho flutuante cessou, restando novamente apenas a luz colorida das paredes e do mar da gruta. O menino escavou as cinzas que o soterraram e pulou do barquinho, caindo de joelhos na prainha. Foi quando ele estava lavando o rosto com água para tirar a sujeira que tinha entrado até pela boca e o nariz que, do ponto onde surgira a luz branca, o grasnar de um pássaro estremeceu as paredes da gruta e fez a água vibrar como se estivesse fervendo e prestes a entrar em ebulição.

O menino então viu o pássaro, era um grande pássaro vermelho, dourado e das outras cores da gruta, e ele vinha na direção dele, grasnando sem parar. O animal pousou na prainha e o convidou a subir em suas costas, o que o menino de primeira recusou, mas que, estando ali sem escolhas, em seguida o fez. Eles alçaram voo, deixando o barquinho coberto pelas cinzas atracado na prainha, e num rasante seguiram pelo túnel que levava para fora da gruta. As pontas dos pés do menino raspavam a água, e ele, deitado abraçado e acomodado nas plumas macias do pássaro, derramava lágrimas emocionadas pela cena aquela que ele lembraria para o resto da vida como a mais bela que já presenciou, mas que ninguém acreditaria por ser só mais uma história de pescador.